

ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

VESTUÁRIO E MEMÓRIA: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS¹

Silveira, Laiana Pereira da; Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural;
Universidade Federal de Pelotas, laianasilveira@gmail.com²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a ligação existente entre o campo do vestuário com o da memória, identificando como a primeira área mencionada pode agir sendo um fator identitário. Inicialmente, trago conceitos fundamentais para que seja possível discutir a temática.

O antropólogo francês Joel Candau (2019) categoriza a memória como o elemento essencial para a construção da identidade do indivíduo, tanto que em seu livro *Memória e Identidade* o autor fala “a perda de memória é, portanto, uma perda de identidade” (CANDAU, 2019, p. 59).

Alinhavando o conceito de Candau com o de Peter Stallybrass (2016) que fala em seu livro *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*, que “a roupa tende, pois, a estar fortemente associada à memória” (STALLYBRASS, 2016, p. 17), chegamos ao questionamento principal desta pesquisa, a roupa pode ser considerada um elemento auxiliar na construção da identidade? Partindo da premissa de que qualquer objeto pode ser um suporte de memória, neste texto será identificado alguns elementos que caracterizam a roupa como suporte memorial, conseqüentemente, ligada à construção identitária.

Exemplos de simples visualizações que respondem a está indagação são: o casaco do pijama que Getúlio Vargas estava usando na noite em que se suicidou, conservado no acervo do Museu da República no Rio de Janeiro e que faz parte da memória nacional, e as roupas dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz atualmente expostas no Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, este segundo exemplo encaixa-se na

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Possui graduação no Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense campus Pelotas Visconde da Graça (2018) e é formada no curso Técnico em Vestuário (2012) pela mesma instituição.

ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

classificação de memórias traumáticas, e dependendo da perspectiva, o primeiro exemplo, além de memória nacional, pode ser considerado como memória de tragédia.

A roupa como fator identitário pode ser analisada desde o início dos tempos, de acordo com a teoria criacionista, quando em Gênesis fala-se sobre Adão e Eva, que após caírem em tentação e comerem do fruto proibido, ao abrirem os olhos viram-se nus e juntaram folhas de figueiras para se cobrirem, pois a partir daquele momento havia a sensação de constrangimento e vergonha. Considerando o pudor como um dos fatores do surgimento da indumentária, entende-se que despir o indivíduo é uma forma de constrangê-lo e de tirar o seu referencial identitário.

Merlo e Rahme (2015) ressaltam que “a memória marca, demarca e remarca e, nesse sentido, a nossa identidade está em questão” (MERLO e RAHME, 2015, p. 120), considerando o pensamento das autoras, é possível compreender a importância que existe a ação do esquecimento.

Candau (2019) traz essa dualidade entre memória e esquecimento “há nisso uma oposição trágica e paradoxal entre a amnésia que permite a sobrevivência, mas que enfraquece o sentimento de identidade, e a memória que, uma vez retornando, tal como “um câncer luminoso” vem devorar a vida da pessoa” (CANDAU, 2019, p. 154).

Visto que este artigo é um recorte do início da pesquisa de mestrado, foi considerado como procedimento metodológico utilizar a revisão de bibliografia para abarcar melhor o questionamento levantado, apropriando-se dos exemplos citados acima, a fim de compreender os conceitos abordados.

Palavras-chave: vestuário; memória; identidade.